

## **DONA GUIDINHA DO POÇO: REFLEXÕES SOBRE UMA CORONELA**

Gabriela Fardin Fernandes (Unesp/Ibilce)

**Resumo:** Este trabalho trata-se de uma proposta de leitura e interpretação da obra *Dona Guidinha do Poço*, escrita por Manoel de Oliveira Paiva, em meados de 1891, mas publicada por volta de 60 anos depois, em 1951. A partir da leitura do romance e de trabalhos relevantes à nossa pesquisa, analisaremos a construção da personagem principal, com o objetivo de esclarecermos o quanto Dona Guidinha representa um anti-ideal de mulher sertaneja, sendo assim, um dos elementos que compõe o romance inovador de Paiva.

**Palavras-chave:** *Dona Guidinha do Poço*; Manoel de Oliveira Paiva; romance regionalista; literatura brasileira.

**Abstract:** This paper aims to analyse the condition of owners of the characters Paulo Honório and Riobaldo, protagonists of the novels *S. Bernardo* and *The Devil to Pay in the Backlands*, written by Graciliano Ramos and João Guimarães Rosa, respectively. We will investigate the path that both made to leave the condition of poverty until the place of landowners, the mechanisms of violence they used and the way they dealt with their dependents. We will try to demonstrate how the formation of those owners happened in a moment in which Brazil experienced a conservative process of modernization, totally dissociated from social inclusion. Therefore, they will not hesitate in using violence, clientelist practices and let crumbs to maintain his dependents' loyalty, in other to protect their property.

**Key-words:** *Dona Guidinha do Poço*; Manoel de Oliveira Paiva; regionalist novel; Brazilian literature.

### **Introdução**

Neste trabalho pretendemos refletir sobre a personagem principal do romance *Dona Guidinha do Poço*, escrito por Manoel de Oliveira Paiva, em meados de 1891, mas publicado por volta de 60 anos depois, em 1951.

Interessa-nos, aqui, desta forma, analisar a construção e o desenvolvimento dessa personagem tão peculiar que, conforme discutiremos ao longo de nossa reflexão, parece-nos ter sido punida por assumir seus próprios caprichos e ser mais fêmea do que "mulher" (o uso de aspas aqui faz referência à ideia de mulher enraizada na estrutura patriarcal da sociedade sertaneja, assim como de tantos outros grupos sociais, brasileiros ou não, representada no

romance, para a qual era esperado de Margarida um comportamento brando, delicado, servil e passivo).

Apesar do intervalo significativo de tempo entre a finalização da escrita do romance e a sua respectiva publicação, Dona Guidinha do Poço merece um lugar na estante dos respeitáveis livros da literatura regionalista brasileira. Sua publicação foi resultado de uma verdadeira saga protagonizada, principalmente, por Lúcia Miguel Pereira<sup>1</sup>.

Utilizaremos, neste artigo, a edição pertencente à Coleção Prestígio, da editora Ediouro, parceira da Saraiva, com o prefácio de Lúcia Miguel Pereira, posfácio e glossário de Américo Facó. Na apresentação que faz para a obra de Paiva, Pereira esclarece que o romance dispensaria qualquer tipo de prefácio se tivesse sido publicado logo após o processo de escrita, como normalmente acontece com as obras literárias.

A crítica nos conta que a publicação tão demorada de Dona Guidinha do Poço foi resultado de uma série de imprevistos ocorridos com o manuscrito: o primeiro deles, sem dúvida, foi o falecimento do autor causado por tuberculose.

Manoel de Oliveira Paiva nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 1861. Filho de pai português e mãe brasileira, o autor teve boa formação escolar, estudando no Seminário do Crato e, posteriormente, na Escola Militar do Rio de Janeiro - onde precisou interromper os estudos por razões de saúde. Aliás, ao longo de seus 31 anos de vida, Paiva sempre esteve doente, oscilando entre épocas de melhor estado de saúde e temporadas de repouso extremo.

Por causa de sua saúde debilitada, ele não conseguiu seguir carreira militar, uma de suas ambições, pois, segundo Pereira, o cearense amava a arte da guerra e a literatura. Desde cedo, o autor já publicava alguns versos e contos na *Cruzada*, uma revista feita pelos alunos de sua escola.

---

<sup>1</sup> Lúcia Miguel Pereira (1901- 1959) foi crítica literária, tradutora, ensaísta e biógrafa de destaque no cenário cultural brasileiro da primeira metade do século XX.

Paiva sempre demonstrou por meio de sua produção literária a preocupação com as causas sociais do meio em que estava envolvido. O autor dedicou-se às campanhas abolicionistas do Ceará, escrevendo para o jornal *O Libertador* e, atuando, assim, como uma figura influente no processo de libertação dos escravos de seu estado.

Sobre essas publicações, encontramos a informação de que Paiva publicava costumeiramente sob um pseudônimo. Segundo Claudio Aguiar, escritor cearense e estudioso de Paiva, ele

[...] passa a colaborar assiduamente no jornal *O Libertador*, escrevendo não apenas textos de cunho jornalístico, mas também literários, a exemplo de obras mais expressivas, como [...] *A Afilhada*. Essas matérias, a depender das circunstâncias, ora apareciam assinadas com seu nome verdadeiro – Oliveira Paiva –, ora com os pseudônimos Gil ou Gil Bert. (AGUIAR, 2002, p.2)

Considerado por muitos um jovem de opinião forte, Paiva torna-se um dos fundadores do Clube Literário, em 1888. Os membros dessa organização publicavam seus poemas, contos, trabalhos artísticos em geral, na revista *A Quinzena*, utilizando-se desse espaço para tratar de literatura e política, muitas das vezes de maneira fundida, como é de se esperar de obras produzidas em épocas de grandes lutas.

Como já havíamos comentado, Paiva precisou abandonar os estudos militares por problemas de saúde e, dessa vez, ele teve que repousar a pena pela mesma razão. Adoentado, ele parte para o sertão, na esperança de respirar novos e limpos ares.

Segundo Pereira (1951), "os longos ócios enfermicos permitiram-lhe escrever *D. Guidinha do Poço*" (p.7). Infelizmente, como sabemos, Paiva faleceu sem ter publicado a obra.

Embora tenha possuído certo reconhecimento na comunidade literária de sua época, principalmente por causa dos poemas e folhetos abolicionistas que

publicara; além de ter sido bem formado educacionalmente, o autor cearense não vivia em boas condições financeiras e, por esse motivo, sua família não teve como arcar com os custos de uma possível publicação póstuma de *Dona Guidinha*.

Paiva tampouco contou com o auxílio dos envolvidos na *Padaria Espiritual*, fundada um ano depois de seu falecimento, no Ceará, com o objetivo de nutrir os leitores com *O Pão*, como era chamado o jornal literário escrito por um grupo de poetas, autores e artistas.

Um desses *padeiros*, entretanto, foi de grande valia para que um dia *Dona Guidinha do Poço* chegasse às livrarias: Antônio Sales como nos informa Pereira (1951), forneceu uma cópia do manuscrito da obra de Paiva a José Veríssimo que, até conseguiu publicar partes do romance na *Revista Brasileira*, mas precisou interromper o trabalho quando o periódico faliu.

A história retorna, então, mais uma vez, ao limbo, num estado de infeliz espera que só passará quando Lúcia Miguel Pereira, após muita procura, consegue o manuscrito das mãos de Américo Facó e passa a se dedicar fielmente para conseguir publicá-lo.

Entre 59 ou 60 anos depois, finalmente, uma das duas obras de Manoel de Oliveira Paiva chega finalmente às prateleiras das livrarias e bibliotecas brasileiras. De maneira exaustiva, ao longo do prefácio que dedicou à obra, Pereira (1951) insiste no valor que *Dona Guidinha do Poço* somou à literatura nacional, mesmo que tardiamente. Nas palavras dela, "meia dúzia de décadas só são perigosas para as obras cujo o único valor reside a moda do momento" (PEREIRA, 1951, p.9).

O autor cearense possui um tímido número de romances publicados, duas obras para sermos mais exatos, situação que Cláudio Aguiar classifica como "pequena na quantidade, mas grandiosa na qualidade" (2002, p. 2). *Dona Guidinha do Poço* foi o primeiro romance do autor a ser publicado em formato de

livro, em 1951, e é o mais conhecido até hoje; *A Afilhada*, a outra narrativa do autor, foi publicada na íntegra somente em 1961, mas já tinha sido impressa no formato de folhetim no jornal *O Libertador*, em 1889.

De tempos em tempos, *Dona Guidinha do Poço* aparece em alguma lista dos livros de leitura obrigatória de vestibulares, mas, fora desse tipo de situação, o romance acaba esquecido pela escola e até mesmo pela universidade.

Não há dúvidas, ao terminar de ler a obra, que se trata de um romance merecedor de destaque, tanto pelas problemáticas sociais abordadas na narrativa quanto pelo modo como a história nos é contada. Contudo, parece-nos que o maior desafio desse romance não é convencer o leitor de sua qualidade, questão facilmente resolvida com a leitura da obra, mas saber de sua existência é o passo inicial da caminhada às margens do Curimataú.

Sendo assim, almejamos, também, com este trabalho, fomentar as discussões envolvendo *Dona Guidinha do Poço* no cenário acadêmico, numa tentativa modesta de apresentar a obra e seduzir o outro pelos *feitiços* de Margarida.

### **Uma donzela às avessas**

Herdeira de uma considerável fortuna, Margarida Reginaldo de Oliveira Barros, conhecida por todos da região como Dona Guidinha, desde moça sempre demonstrou que era diferente dos padrões estéticos e comportamentais do lugar onde nascera.

Logo nas primeiras linhas do romance, somos informados que ela casou-se tarde para aquela época e, mais do que isso, escolheu seu próprio marido, algo inusitado para os valores morais do sertão, famosos por seus casamentos arranjados entre as famílias dos noivos que, na maioria das vezes, se conheceriam apenas no dia do casório.

Curiosamente, Dona Guidinha não parece ter escolhido seu marido, o Major Joaquim Damião de Barros, "um homenzarrão alto e grosso, natural de Pernambuco – uma boa alma" (PAIVA, 1973, p. 13), por amor. O que temos aqui é, na verdade, o amor burguês acontecendo no meio do sertão, ou seja, a união de um casal por meio de interesses que vão além do desejo de estarem juntos.

Margarida, conforme o narrador nos informa, "parece que primeiro quis desfrutar a vidoca" (PAIVA, 1973, p. 13) antes de se casar. Não está explícito no romance, mas é possível pensar que, mais cedo ou mais tarde, por pressão social ou familiar, Dona Guidinha acabaria casando-se.

Muito esperta, a moça escolheu um homem de temperamento fácil de lidar: nem doce, nem agressivo, um zero à esquerda por assim dizer. O Major Joaquim não era nem atraente em sua aparência: "Tinha o preto-do-olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru." (PAIVA, 1973, p.13).

Para aproximar o leitor ainda mais dos costumes e da linguagem dessa região, Paiva teve o cuidado de utilizar-se do vocabulário sertanejo para descrever as personagens, os ambientes, o clima etc.

Numa espécie de mosaico linguístico, o autor tece a história mesclando dois tipos de registros: o formal e o regional (presente no vocabulário típico utilizado nas descrições, nas letras das canções e nos diálogos das personagens). Para Viana,

Manuel de Oliveira Paiva, em *Dona Guidinha* [...], reúne a língua literária à riqueza da fala sertaneja como forma de apresentação da realidade entre o homem, o meio social e o sertão. (VIANA, 2005, p. 3)

Por hora, destacamos o uso da palavra "tapuru" para descrever como era o olho do Major. Com o auxílio do glossário de Américo Facó no final do livro, o leitor se informa de que um tapuru nada mais é que o bicho-de-pé já na sua fase adulta, ou seja, a imagem que representa os olhos dele, algo que romanticamente

sempre fora retratado como uma das mais belas partes do corpo do ser humano, principalmente quando se trata de descrever a pessoa amada, é representada com um viés naturalista no romance de Paiva. Os olhos de Joaquim são, no mínimo, repugnantes.

Se por um lado Dona Guidinha precisava do acessório social de um marido, Joaquim, por sua vez, o homem simples que tinha somente uns vinténs no bolso antes de se casar e perambulava a região negociando a compra e venda de cavalos, "ficou amarrado aos amores e aos possuídos" (PAIVA, 1973, p.13) dela. Aliás, nessa parte do romance, o leitor tem acesso à lista de bens herdados por Margarida.

Desde joias de ouro, jarros de prata, tachos de cobre, itens de ferro para a lida com o gado e a terra, bens móveis (vinte e três escravos são incluídos nessa categoria representando assim a presença da escravidão ainda nessa época no Brasil) e os bens imóveis, dentre eles, a fazenda Poço da Moita, cenário principal da história.

As posses de Guidinha são importantes para entender a sua relação com o marido, mas também com toda a comunidade: ela era uma figura respeitada e querida por todos. Como a personagem está inserida numa sociedade que se organiza aos moldes do patriarcalismo, não é difícil pensar que ela só tenha fugido às regras graças aos seus bens.

Em 1929, Virginia Woolf escreveu que,

[...] uma mulher deve ter dinheiro e um teto próprio se ela quer escrever ficção; e que, como você vai ver, isso deixa o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção sem solução. (WOOLF, 2010, p. 4, tradução nossa<sup>2</sup>)

---

<sup>2</sup> Cf. original: "[...] a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; and that, as you will see, leaves the great problem of the true nature of woman and the true nature of fiction unsolved" (WOOLF, 2010, p. 4).

Embora Woolf tenha pensado de maneira direcionada às mulheres que desejavam ser escritoras, tal reflexão pode servir também para qualquer mulher que, em algum momento de sua vida, quis realizar alguma vontade que estivesse para além das possibilidades limitadas às mulheres por convenções sociais, como ter opinião própria, por exemplo.

Como já destacamos, Guidinha desde adolescente tinha um comportamento considerado desregrado àquela comunidade: mimada pelo pai e pela avó, ela frequentava os eventos da região, andava a cavalo sozinha ou na garupa de algum mancebo, "nadava de braça como os homens" (PAIVA, 1973, p.16) e não poupava "nem mesmo as pequenas carícias que uma donzela senhora de si pode conceder sem prejuízo da sua física inteireza" (PAIVA, 1973, p. 16). Não há dúvidas sobre como "Dona Guidinha instaura um novo paradigma de mulher, que assume os seus desejos e sua sexualidade" (BEZERRA, 2006, p.111).

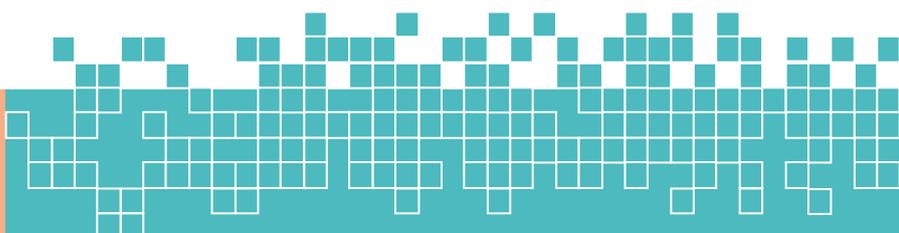
É nessa parte inicial do romance que descobrimos também as características físicas de Margarida, contadas nas palavras do Reverendo Visitador:

—Feiosa, baixa, entroncada, carrancuda ao menor enfado, disse ele, não admito que homem algum se apaixone pela filha do capitão-mor [...]. Vão ver que ela usou de feitiçaria... Ora se não é isso! Vão ver.

—O Rev. Visitador ainda acredita em urucubacas?

—Se creio! O inimigo do gênero humano não dorme. E mulheres? Mulheres! Mulheres! A nossa mãe Eva que não me deixe mentir. (PAIVA, 1973, p. 17)

Como podemos notar, há o discurso machista na fala do representante da Igreja que atribui às mulheres a responsabilidade pelo mal que há no mundo desde os tempos primórdios, de acordo com a crença criacionista que o



sacerdote utiliza como base para suas opiniões.

A ruína de Dona Guidinha dá-se, ao final do romance, justamente por causa desses valores machistas e patriarcais que ocupam-se de punir as mulheres, sempre que possível, de maneira muito mais bruta do que os homens.

Dona Guidinha tinha fama de ser generosa com os retirantes que passavam por sua fazenda. Ela lhes fornecia o que fosse necessário para seguirem viagem porque não queria que eles ficassem em suas terras. Joaquim não gostava das caridades que a esposa praticava, mas como o dinheiro era dela, ele não podia fazer nada para mudar essa situação.

Apesar de casada, Margarida nunca terceirizou a lida da fazenda para a responsabilidade do Major Joaquim: cuidava minuciosamente de todos os detalhes envolvendo os trabalhadores, os retirantes que por ali passavam, o gado, as festas, enfim, tudo passava pelo seu crivo antes de ser executado.

O romance de Paiva é organizado em cinco partes, denominadas como "livros". Em suma, no Livro I, conhecemos um pouco sobre Dona Guidinha do Poço, seu marido, a fazenda e o refugiado Secundino – sobrinho de Joaquim, um homem elegante e vaidoso, fugido de Pernambuco por ser acusado de homicídio.

Em todos os livros, o autor apresenta a preocupação em descrever o clima de cada estação e o quanto a seca afetava a vida dos sertanejos. Para falar dos tempos de seca intensa, por exemplo, o autor cearense utiliza-se da seguinte imagem: "A roupa vinha da lavadeira grudada do sabão." (PAIVA, 1973, p.18).

Segundo Viana (2005), em seu artigo "A importância do regionalismo romântico e naturalista na prosa de ficção",

A seca do Nordeste é um tema constante, através de vários intérpretes, como Domingos Olímpio em Luzia-homem (1903), narrando a história de uma retirante da seca de 1877; Rodolfo Teófilo, em A fome (1890), abordando o drama da seca e da migração; Manuel de Oliveira Paiva, em Dona Guidinha do poço (1952), que reúne a língua literária à riqueza da fala sertaneja como forma de apresentação da realidade entre o

homem, o meio social e o sertão. (VIANA, 2005, p.3)

O livro II aborda a paixão entre Dona Guidinha e Secundino de maneira delicada e precisa. O narrador utiliza-se de sutileza para representar o quanto a figura de Secundino torna-se importante para ela. Numa das passagens do romance, Guidinha reclama do estado de uma roupa lavada para uma escrava:

—Como é que hei de mandar isto assim para o moço? Isto algum dia foi lá camisa lavada? E este colete? Pois a roupa dele até ia limpa...

—O quê? Limpa? Credo, Senhazinha! Se não fosse de branco, eu diria que fedia a bodum. (PAIVA, 1973, p.45)

Margarida ao decorrer do tempo passou se importar mais e mais em agradar o sobrinho do marido. Com desculpas esfarrapadas de precisar entregar uma trouxinha de roupas ou uma cesta de quitutes, por exemplo, ela mandava o empregado Naiú levar sempre um bilhetezinho com as encomendas.

A *coronela* do Poço, nesses bilhetes, despedia-se sempre com os dizeres: "Sua criada e parenta que lhe estima, Margarida" (PAIVA, 1973, p.46). Algo no mínimo tocante para uma senhora que não gostava de ficar por baixo de ninguém. Apesar de muito gentil com os retirantes e amigos da comunidade, Dona Guidinha tinha, ao que nos parece, a petulância de alguém que se dirige aos outros sempre enxergando a si própria como superior.

Adotamos o termo *coronela*, porque acreditamos que a personagem represente uma espécie de coronel na figura de uma mulher, não no sentido militar da palavra, mas em sua significação mais popular, a de um homem, dotado de posses, que se encarrega do sustento de sua amante<sup>3</sup>.

Ainda no segundo livro, temos uma passagem em que Margarida descobre o romance de Secundino com uma moça da cidade, Eulália, mais conhecida como Lalinha.

---

<sup>3</sup> Definição baseada na explicação para o verbete "coronel" no Dicionário Online de Português.

Espalhou-se, é o caso, que nessa festa o jovem pernambucano pegou de namoro rijo com a menina Eulália, *interessante e mimosa* filha do Juiz de Direito, educada na Capital.

A Margarida, quando lhe disseram, chegou o beijo ao nariz, fumegou:

—Que está dizendo? Uma lambisgoia daquelas! O Juiz de Direito anda por toda parte amostrando as duas bonecas... Podera! Encontra um nenê como o Secundino... Menino há de gostar de vadiar com boneca... (PAIVA, 1973, p.48)

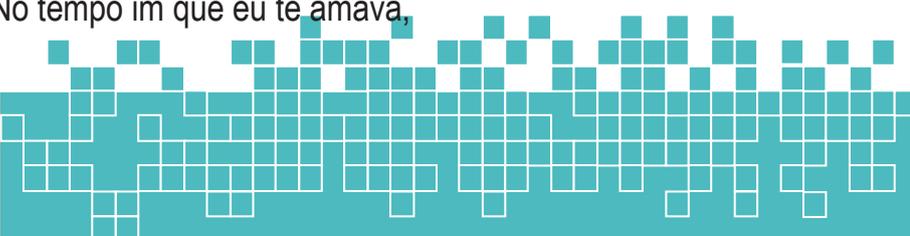
Uma das leituras críticas possíveis para essa personagem: estudada na capital, *interessante*, correspondente aos padrões de beleza da época; Lalinha tem a oportunidade de tornar-se muito mais que uma donzela à espera de um mancebo, mas é extremamente enraizada na mentalidade provinciana de ideia de futuro para as mulheres.

Lalinha, a responsável por causar ciúmes em Margarida, representa a moça ingênua que mesmo com os estudos e a posição social privilegiada, não despertou nenhum desejo de independência em seu interior. Ela apaixonou-se perdidamente por Secundino e espera que ele a peça em casamento. Dona Guidinha faz amizade com a moça, tratando-a muito bem para mantê-la por perto e saber tudo que precisa sobre a quantas anda o relacionamento do sobrinho do marido com ela.

Paiva encontra o equilíbrio entre contar a história de Dona Guidinha e apresentar ao leitor os costumes do povo daquela região, como a encomenda de terços e rodas de baião. Além disso, nas letras dos repentes há revelações sobre a vida de Secundino e Margarida, é como se os cantadores fossem também narradores do caso que está sendo contado.

Impõe-se, então, uma relação meta-literária entre as letras das canções e a tragédia do desfecho da história, como em:

No tempo im que eu te amava,



Deus do céu me aparecia,  
Não ia pra terra longe,  
Na cegueira em que vivia  
Oh! Meu Deus, naquele mundo  
Como triste ficaria  
O coração da donzela  
Que só por ele batia!  
E viva seu Secundino  
Com toda sua famia...  
[...]  
Quando a hora for chegada  
Nossa Senhora o proteja. (PAIVA, 1973, p. 55)

Como todos que já leram o romance sabem, quem precisará de proteção será Dona Guidinha, que acabará em estado deplorável. Ao final desse trecho do romance, Margarida e Secundino vão embora da celebração no escuro, a pedido dela, o que pode significar que algo tenha acontecido entre eles, mas nada é explicitado pelo narrador.

O terceiro livro começa informando ao leitor que naqueles dias seguintes ao terço, "Guida manifestava [...] um semblante radioso" (PAIVA, 1973, p. 59), mais um indício de que Secundino e ela poderiam ter consumado a paixão naquela noite de festança.

Entretanto, de gênio muito possessivo, ela passou a fiscalizar ainda mais o comportamento do sobrinho e notou o quanto ele era um sedutor, dando sempre que possível "uma lambidela visual de moça em moça bonita" (PAIVA, 1973, p. 67).

Apesar de ter seus momentos de lucidez, pensando seriamente em como tudo aquilo que estava sentindo por Secundino seria prejudicial para ela, como mostra o trecho a seguir, Dona Guidinha estava cegamente apaixonada pelo rapaz.

—É melhor, Margarida, que tu te deixes de abusões. Aquele rapaz é um peralta, pois tu não estás vendo, mulher, com os teus olhos? Tarde chorarás o teu pecado, Margarida. Vê como aquilo se baba com a tal de Lalinha! Pois uma coisa assim

merece lá um coração como o teu? E ele nem tem lá essas belezas que julgas! Repara. Espia. Compara aquele todo com o viço dos teus matutos. É farinha de barco, os outros são farinha de terra... (PAIVA, 1973, p. 67)

A personagem de Secundino trata-se de um ser sedutor, como o narrador pincela ao longo do romance. Por mais que se empenhasse, Margarida estava fadada a apaixonar-se por um homem tão diferente dos outros que compunham seu cotidiano. Nas últimas páginas da obra, temos essa ideia reforçada por meio de uma fala do pai de Lalinha ao observar o rebuliço na frente da casa de Quim:

—Amores velhos, amores velhos! [...] Isto não é senão porque anda envolvido no crime aquele monstro do Secundino... Homem fatal! (PAIVA, 1973, p. 124)

Retomando à síntese da narrativa, o livro terceiro termina com a notícia que após todos os esforços de Margarida e Joaquim, o sobrinho fora absolvido. No livro IV, o leitor tem acesso a uma reflexão de Secundino sobre seu envolvimento com Dona Guidinha, vale lembrar que tudo é tratado de forma sutil, sem convicções sobre a consumação ou não da traição.

Uma sujeita casada com um homem que era um anjo de bondade, sério, [...] sem vícios, e que era homem só pra ela... Que diabo! Não fazer mistérios dos seus desejos a um rapaz que não se julgava nem esses vigores, nem essas bonitezas... De certo, não seria ele, Secundino, o primeiro! [...] Má essência, a Guida era má essência. [...] Mas ali ele estava tão bem! [...]Daquele crime contra a moral e a honra não poderia resultar uma ventura? [...] E assim apeou radiante no terreiro do Poço da Moita. (PAIVA, 1973, p. 80)

O quinto livro trata-se, enfim, do desenlace da história: Joaquim já começara a desconfiar da fidelidade da esposa e, por essa razão, Margarida esforçou-se para tratar carinhosamente o marido, até porque, ela "às vezes sentia não poder casar bem, frisar, bem, dar certo com o esposo que recebeu no pé do altar" (PAIVA, 1973, p.99).

Mesmo assim, Joaquim mantém sua ideia de pedir o divórcio, indo à Capital sempre que necessário para cuidar dos detalhes do processo, sem comunicar à Guidinha seus planos. Descobrimo através de boatos as intenções de seu marido, Margarida revolta-se e decide encomendar a morte dele, como sinaliza o trecho a seguir:

Assim gerou-se-lhe uma ideia sinistra. Não era mais a mulher, nem o marido, nem o homem, senão o indivíduo, independente do sexo e condição, o espírito do bárbaro sertanejo antigo, reencarnado, que queria vingança à luz do sol. (PAIVA, 1973, p. 113)

A primeira tentativa de matar o marido falha, pois o assassino desiste de cometer o ato. Desesperada e ansiosa por vingança, Dona Guidinha manda Naiú, seu fiel empregado, terminar a tarefa alguns dias depois. Como já era de se esperar, a mandante tem seu comportamento mais reprovado pela sociedade do que o próprio executor. "Todo mundo queria condenar a mulher à forca!" (PAIVA, 1973, p. 124).

Dona Guidinha torna-se, na verdade, o próprio Naiú, na voz popular. Enquanto é levada para a prisão, a comunidade aproveita para ofendê-la verbalmente, acusando-a do crime ocorrido. Guidinha não era mais a mulher querida por todos, famosa pelos terços encomendados, pela fartura oferecida nas festas e pela sua fortuna.

Atrás das grades, a senhora apaixonada preocupava-se ainda com o que aconteceria com Secundino. O sedutor, por sua vez, sumira sem deixar rastros de seu provável paradeiro. Num tom de melancolia, o romance termina com a significativa imagem de Dona Guidinha do Poço encarcerada a observar as pombas avoantes no céu.

A traição efetivamente não é comprovável pelo texto de Paiva. Há na narrativa indícios que levam o leitor a pensar que Secundino e Dona Guidinha

poderiam, sim, ter tido um caso, mas nada dito às claras. Dessa forma, há uma espécie de imparcialidade no narrador que conta um caso ao leitor sem influenciá-lo a culpar ou não a fazendeira.

O romance regionalista *Dona Guidinha do Poço* é baseado em fatos reais, como nos informa Bezerra (2006) em sua dissertação de mestrado intitulada "Dona Guidinha: Poço dos desejos":

Em 1963, Ismael Pordeus, renomado historiador cearense, publica o livro *À margem de Dona Guidinha do Poço*, valioso documento histórico no qual atesta ser o romance de Oliveira Paiva baseado em fatos reais, de crime passionai ocorrido na cidade de Quixeramobim, no Ceará. Antes disso, em 1956, Gustavo Barroso lançava, na Revista O Cruzeiro, artigo intitulado "A verdadeira D. Guidinha do Poço", onde, na esteira do que prenunciava Ismael Pordeus, estabelecia relações claras entre o romance e a história real de Marica Lessa — rica fazendeira da cidade de Quixeramobim, presa pelo assassinato do marido [...]. (BEZERRA, 2006, p.18)

Ao realizarmos a leitura do livro de Pordeus, notamos a preocupação de Paiva em especificar o lugar onde tudo aconteceu, nomeando as regiões, a vegetação, os costumes, enfim, tudo que colaborasse para caracterizar o espaço e dar mais veracidade à história que, embora ficcional, carrega muitos elementos do crime passionai acontecido em Quixeramobim. De acordo com Pordeus (1963), "o autor do romance, tanto quanto possível, foi fiel à verdadeira histórica, dela pouco dissentindo" (PORDEUS, 1963, p.17).

Para Bezerra (2006),

A linguagem do romance confere à obra um caráter de autenticidade, pela proximidade com as circunstâncias materiais. Reflete, portanto, o contexto em que se insere. Dessa forma, Oliveira Paiva antecipa-se às preocupações dos regionalistas de 30 e afasta-se do caráter pitoresco e peculiar da linguagem do regionalismo romântico. (BEZERRA, 2006, p. 26-7)

A figura desse narrador que não julga as personagens pelas suas ações colabora para dar um tom de veracidade à história, pois a distância estabelecida por ele curiosamente exterioriza os preconceitos presentes na sociedade retratada no romance. O narrador não conta a história com ares de investigador, de figura mais intelectualmente desenvolvida do que aquelas de quem está falando, o que era comum em muitos romances regionalistas.

Apesar de ter sido engavetada por 60 anos, a obra de Paiva, publicada em tempos de ascensão dos romances modernos, apresenta uma preocupação em adequar-se à realidade brasileira para contar a história da fazendeira Margarida sem atribuir juízo de valor ao povo local retratado na obra. Ao contrário das tendências da época de produção do livro, o autor optou por uma narração imparcial dos fatos, contando como quem ouve todas as versões de um acontecimento, mas não toma partido algum ao reconta-lo.

Levando-se em consideração que as classificações dadas às obras literárias têm, em sua maioria, fins de organização didática, e, são, por essa razão, importantes ferramentas de estudo, por via de regra, o romance de Paiva é, então, realista. Entretanto, se pensarmos na série de inovações presente na narrativa apresentada neste trabalho, como, por exemplo, o fluxo de consciência das personagens Guidinha e Secundino em alguns trechos do romance, podemos ousar em refletirmos sobre o quão moderno também é *Dona Guidinha do Poço*.

As obras literárias, como qualquer outro tipo de criação artística humana, apresentam peculiaridades que, na maioria dos casos, as impedem de receber precisas classificações. É o que nos parece ser o caso de *Dona Guidinha do Poço*, um romance que dialoga, curiosamente, com o tempo de sua produção e o tempo de sua publicação, deixando, assim, as linhas fronteiriças entre o realista e o moderno mescladas entre si.

Quanto à narração, em outras palavras, ninguém além dos envolvidos

diretamente na história da fazendeira Lessa sabe ao certo o que aconteceu, essa sensação acaba sendo transmitida na história de Dona Guidinha também. O que todos sabem é fruto de fofoca, de informação dada de boca em boca ou cantada em rodas. Paiva realiza de maneira admirável a adaptação de uma "verdade" (fruto de especulações populares) numa ficção que não perde o valor especulativo tão essencial para entender a sociedade sertaneja da época.

Ao mesmo tempo em que o narrador não opina sobre as ações das personagens, ele explicita a voz da maioria. E, numa sociedade majoritariamente machista, é óbvio que ao menor sinal de possível traição, a mulher seria culpada e punida por isso. Da mesma forma que não sabemos o que aconteceu com o assassino de Joaquim, o que sabemos é que Guida, a mandante do crime, termina humilhada por todos a caminho da delegacia.

O narrador parece-nos não compactuar com as decisões tomadas por Dona Guidinha, pela comunidade revoltada e pelas autoridades locais, entretanto, ao refletirmos sobre o final em aberto que ele deixa para a personagem principal, podemos pensar que talvez seu desejo fosse despertar no leitor o questionamento sobre as rígidas punições do sertão.

Como o autor foi um homem de grande envolvimento com causas sociais, abolicionistas e de luta em geral, essa hipótese nos parece válida. Talvez Paiva tivesse mesmo a intenção de questionar até qual ponto a justiça realmente exercesse seu trabalho em terras sertanejas. É claro que Dona Guidinha deveria ser investigada por ter encomendado o crime e, conseqüentemente, responsabilizada por seus atos, mas não é o que ocorreu.

Imediatamente culpada pelos conhecidos e pelas autoridades, Guidinha é privada de qualquer direito. O mais curioso é o fato de que o assassino do marido é livrado de qualquer repreensão pública, passando batido pelo tribunal dos populares e da justiça.

Como nos informa Pordeus (1963), na história real, a fazendeira que

mandou matar o marido é condenada à prisão, cumpre sua pena na cadeia pública de Fortaleza, onde enlouquece, passa a perambular pelas ruas após reconquistar a liberdade civil e morre como uma indigente. Paiva, de certo modo, dá um pouco mais de dignidade ao fim da ficcional Margarida apaixonada, deixando-o com as linhas soltas.

## Considerações finais

Propomos, aqui, algumas reflexões acerca da personagem Dona Guidinha do Poço com a ciência de que nosso trabalho não levantou todas as possibilidades de questões que o romance comporta. Empenhamo-nos em provar que essa personagem feminina escrita por Paiva representa um anti-ideal de mulher do cenário sertanejo cearense.

Senhora de si, rebelde desde muito jovem, dona de seus desejos, mandona, rica, enfim, uma sertaneja tão forte de espírito quanto tantas outras, mas com o poder aquisitivo de exercer suas vontades e esbanjar seu temperamento às avessas do socialmente esperado para uma figura feminina.

O lugar na estante dos livros regionais brasileiros que merecem destaque é garantido ao romance de Paiva, aliás, sobre isso, após a leitura do romance, como já mencionamos, não nos resta dúvida, não só pela construção de uma complexa personagem fictícia, baseada na protagonista de um crime passionai que realmente aconteceu, mas também pela maneira como o autor decidiu escrever sua versão da história.

Através da combinação de vários planos linguísticos (ora mais formais, ora mais coloquiais, ora até mesmo científicas), Paiva realiza um trabalho inovador na maneira como apresenta Margarida, o sertão, a organização social daquele espaço, o clima, as festas populares e as opiniões e preconceitos daquela comunidade.

Seguindo o viés realista, o autor dispensa a descrição do heroísmo romântico do sertanejo, centralizando sua obra numa personagem que é mais fêmea que mulher. Paiva se distancia também do padrão de beleza esperado para uma heroína de romance, até porque, Dona Guidinha é uma anti-heroína, capaz de sensibilizar os leitores sem precisar de atributos comuns às donzelas.

Parece-nos, após as análises aqui apresentadas, que Manoel de Oliveira Paiva teve a ousadia de eternizar para além das páginas de documentação policial uma figura regional de modo tão peculiar e plural, ao mesmo tempo, nas páginas de seu romance. E o fez muito bem.

## Referências

AGUIAR, C. Manuel de Oliveira Paiva: o acaso e a glória. In: *Revista Pen Clube*, Rio de Janeiro: Pen Clube do Brasil Editora, No. 2, 2012. Disponível em: <[http://www.penclubedobrasil.org.br/penclube\\_revista2/artigos\\_doc/manuel\\_oliveira\\_paiva.pdf](http://www.penclubedobrasil.org.br/penclube_revista2/artigos_doc/manuel_oliveira_paiva.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

BEZERRA, M. C. F. *Dona Guidinha: o poço dos desejos*. Tese Universidade Federal da Paraíba, 2006. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images\\_MartaCeliaFeitosaBezerra.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_MartaCeliaFeitosaBezerra.pdf)>

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CORONEL. In: *Dicio*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/coronel>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

PAIVA, M. O. *Dona Guidinha do Poço*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1973.

PEREIRA, L. M. *Prefácio*. In: PAIVA, M. O. *Dona Guidinha do Poço*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1973.

PORDEUS, I. À margem de Dona Guidinha do Poço. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*, Ceará: Academia Cearense de Letras, No. 4, 1961.

Disponível em:

<[http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1961/ACL\\_1961\\_04\\_p01\\_A\\_Margem\\_de\\_D\\_Guidinha\\_do\\_Poco\\_Ismael\\_Pordeus.pdf](http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1961/ACL_1961_04_p01_A_Margem_de_D_Guidinha_do_Poco_Ismael_Pordeus.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

VIANA, Márcia Edlene Mauriz. *A importância do regionalismo romântico e*

*naturalista na prosa de ficção*. 2005. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanalettras/Artigos%20e%20Notas\\_PDF/M%C3%A1rcia%20Edlene%20Mauriz%20Viana.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanalettras/Artigos%20e%20Notas_PDF/M%C3%A1rcia%20Edlene%20Mauriz%20Viana.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

WOOLF, V. *A Room of One's Own*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Submetido em: 04/09/2018

Aceito em: 09/03/2019

